

FILME DE HOMENAGEM AOS MUITOSEMIGRANTES QUE NOS INSPIRAM.
O CASAL ALMEIDA, QUE “VOOU” ALTO

MATILDE SOUSA FRANCO

(Museóloga; Sócia de Mérito da Academia Portuguesa da História; Sócia da Academia Nacional de Belas-Artes, da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, Colaboradora do Instituto de Altos Estudos da Academia das Ciências de Lisboa; tem raízes familiares em Vouzela)

(Na cerimónia de apresentação do livro abaixo mencionado, realizada na Câmara Municipal de Vouzela, em 19 de Setembro de 2020)

O livro de Ilda Pinto Almeida “Ouro Azul – Trajectos – Memórias e Abraços”, cativou-me desde o primeiro momento e empolgou-me no decorrer da leitura, tão intensa é a sua mensagem de esperança e de realizações.

Sublinho que, como a autora, em vez da expressão emigrante prefiro “pássaro que voa sem asas”, expressão que adaptei ao título deste texto, dedicado ao casal Ilda e José Almeida.

Penso que o livro inspira todas as pessoas, emigrantes e não só.

Ilda narra o seu extraordinário percurso de vida de forma impressionante, em “pinceladas” coloridas, como só o conseguiria uma também dotada poetisa e artista plástica.

Apresenta no primeiro “quadro”/capítulo do livro a sua segunda partida como emigrante, desta vez para o Novo Mundo, para os Estados Unidos da América (EUA), por coincidência no próprio Dia de Portugal e das Comunidades Portuguesas.

Foi em dia 10 de Junho de 1986.

Ilda justifica a partida: “Coragem e certeza de que era o melhor, foi a chave dessa saída.”

O segundo e o terceiro “quadros”/capítulos intitulam-se “A Saudade” e “As Memórias”.

Do seu poema “A Saudade”, destaco “quanta bravura há no coração de um emigrante.”

De “As Memórias”, saliento que estas são importantes não só como registos biográficos, mas também porque sem memória do passado nem existe presente, nem um futuro, na expressão da autora “totalmente revestido.”

A justificação da partida foi “encontrar um pouco mais de fartura”.

A autora considera que a palavra emigrante é “pesada por si só, pois carrega com ela uma dura vivência de um testemunho de vida totalmente diferente de todo aquele que sempre conviveu e cresceu apenas com a terra mãe.”

Em vez de emigrantes, a autora prefere chamar “portugueses residentes no estrangeiro”, a estes portugueses que tiveram a “audácia de sair à luta.”

O quarto e o quinto “quadros” /capítulos são dedicados pela autora a descrever duas suas vivências do 4 de Julho, Dia da Independência dos EUA.

Estas vivências, com familiares e amigos, têm um intervalo de cerca de 30 anos, correspondendo a primeira à época da chegada desta família aos EUA e a segunda a 2018.

A comemoração da década de 1980, já com “orgulho imenso em celebrar este dia com pompa e circunstância”, era uma festa com símbolos e comidas dos dois países: “barbecue”, com “hamburguers” e “hotdogs”, mas também com uma “bela sardinhada”...

A comemoração de 2018, já com os filhos crescidos, uns engenheiros, outros veteranos do exército, licenciados em várias áreas, etc., é naturalmente mais americanizada e a autora considera os EUA “uma mãe que queremos acariciar.”

No entanto, a autora também nunca esquece a outra “mãe”, Portugal, e evoca-a no fim do livro no Poema “Saudades”, em que escreve:

“Ó terra de além-mar que em mim palpitas
Serás a saudade até ao fim.”

No sexto “quadro”/capítulo, intitulado “Trajectórias”, Ilda começara a dar mais elementos sobre a sua família e a sua vida.

Vejamos a fascinante biografia da autora.

Ilda Pinto Almeida nasceu em Vouzela nos inícios da década de 1960, no seio da numerosa família Pinto.

Em 1976, num terrível acidente rodoviário, do qual milagrosamente se salvou e saiu ilesa, ficou órfã de pai e de mãe e perdeu também um irmãozinho mais novo, tendo outros membros da família ficado gravemente feridos. Uma desgraça que destruiria alguém sem a fibra e o carácter de Ilda, que ainda por cima era então apenas uma adolescente de 13 anos.

Em 1977, Ilda teve o primeiro conhecimento directo dos Estados Unidos da América, pois foi então visitar um irmão, o primeiro dos seus irmãos que para esse país emigrou, em 1975, à procura de uma vida melhor.

Em Vouzela, Ilda Pinto apaixonou-se por José Almeida, que descreve como “jovem louro de olhos verdes e tranquilo.”

Aqui casaram, em Outubro de 1979, num romântico templo do topo do monte, a emblemática Capela de Nossa Senhora do Castelo, centro das concorridas festas estivais da vila.

Ilda frequentou o Curso Geral de Administração e Comércio na antiga Escola Comercial e Industrial de Vouzela, que funcionava na Praça Morais de Carvalho, no edifício onde agora está o museu municipal.

Com dificuldade em conseguir colocação num escritório, Ilda era funcionária numa fábrica de confecções; de vez em quando, compunha o magro ordenado a servir à mesa na Pensão Avenida, na vizinha localidade das Termas de São Pedro do Sul, que apenas dista cerca de 5 km. de Vouzela. Estes trabalhos não a satisfaziam.

Note-se que, na época do nascimento de Ilda, nesta linda vila de Vouzela havia quatro unidades hoteleiras que acolhiam os numerosos turistas: o Hotel Mira-Vouga, com jardim, onde depois se instalaram os Padres Maristas, junto à estação do caminho de ferro; a Pensão Serrano, situada na Avenida João de Melo, em frente do Mercado e do actual Posto de Turismo; em frente da Câmara Municipal, próximas uma da outra, a Pensão Jardim e a Pensão Marques.

Durante a juventude de Ilda, os turistas foram rareando na região, terminou o acesso por comboio, pois a linha do caminho de ferro de Viseu-Aveiro foi extinta, enquanto também se verificava uma maior desertificação do interior do país. Mais recentemente, entidades e personalidades dinâmicas e empenhadas, e a melhor rede de estradas, têm desenvolvido a zona, mas penso que a revitalização do maravilhoso comboio “Vouguinha” seria ímpar mais-valia.

José Almeida tinha vivido desde a infância na província ultramarina portuguesa de São Tomé e Príncipe; aí fizera a escolaridade até à 4ª classe e começara aos 14 anos a trabalhar como mecânico.

Com a independência das ilhas de São Tomé e Príncipe, em 1975 retornou a Portugal e desde então era mecânico na Cooperativa Agrícola de Lafões.

Em Dezembro de 1980, o nascimento de Liliana, carinhosamente chamada Lili, encheu de alegria o casal Ilda e José, mas o dinheiro, já tão pouco, tornou-se demasiado escasso.

Com a falta de perspectivas laborais, a emigração, então muito difícil, impôs-se como única solução para este jovem e sonhador casal.

Como era hábito, o marido foi, também neste agregado familiar, o primeiro emigrante, o primeiro “pássaro que voa sem asas”.

José, então com 26 anos, partiu em 1982 para a Suíça, “deixando um rio de lágrimas nos três corações.”

O mecânico trabalhava aí na restauração, num admirável espírito de adaptação que o casal foi demonstrando até conseguirem os seus objectivos.

Em 1983, como as saudades apertavam, Ilda foi a Genebra visitar o marido, até que em 1984 foi o segundo “pássaro que voa sem asas”, pois também ousou partir, sozinha, para lá.

No Verão de 1984, o casal veio a Vouzela buscar a pequenina Lili.

Foram épicas e duríssimas já essas travessias de fronteiras e essas primeiras experiências laborais enquanto emigrantes.

Em 1985, uma denúncia de uns invejosos do sofrido sucesso deste casal tão trabalhador, fez com que Ilda fosse presa como uma criminosa, pelo único delito de ser ilegal. José estava legalmente na Suíça, mas entregou-se voluntariamente para acompanhar a mulher e a filha.

Assim, os três elementos da família foram expulsos do país, e levados pelas autoridades para o aeroporto de Genebra, apenas trazendo para Portugal a roupa que vestiam.

Foi, na feliz expressão de Ilda, o regresso à “terra das couves”, a um país então pobre e sem horizontes. Note-se que a “terra das couves” propicia uma excelente culinária, a qual os emigrantes têm divulgado pelo mundo, e está cientificamente provado que a famosa sopa caldo verde, à base de couves portuguesas, é das sopas mais saudáveis da internacionalmente certificada dieta mediterrânica.

Não vislumbrando como em Portugal se podia começar de novo, José em 1985 emigrou de novo, agora para os EUA, de onde, saudosamente, escrevia à esposa, numa correspondência com laivos também artísticos e poéticos “pintada de saudosos beijos.”

A mãe e a filha deixaram outra vez Portugal, como indiquei, em 10 de Junho de 1986. Tiveram atribuladas passagens pelo Canadá, que as fizeram chegar separadamente à terra sonhada, os EUA.

Ilda, José e Lili estabeleceram-se na costa leste, em Newark, o chamado “Little Portugal /Pequeno Portugal”.

Esta é a cidade mais populosa do estado de Nova Jérсия, a pouco mais de 300 km. a sul de Boston, onde, como vimos, Ilda já tinha estado em 1977 e, a cuja grande comunidade portuguesa, em 1985 se juntara outro seu irmão.

A autora, recorrentemente, menciona a saudade de Portugal e a esperança nos EUA.

A esperança foi rapidamente justificada, mesmo na sua família. Vários dos seus irmãos, ela própria, o marido e a filha, todos chegaram aos EUA como turistas, e em poucos anos foram considerados cidadãos americanos, estando completamente integrados no generoso país de acolhimento.

José começou por ser ajudante de cozinha. Depois, conseguiu trabalho na sua especialidade profissional de mecânico, mas durante anos acumulou este com o trabalho no restaurante.

Através do seu labor, em escassos cinco anos desde a chegada aos EUA, portanto em 1990, José obteve a legalização para toda a família.

Ilda, que, como já anotei, nem gostava de costura, começou por trabalhar numa fábrica de confecções, depois do jantar fazia vendas ao domicílio de objectos de casa, e aos fins-de-semana trabalhava como recepcionista no restaurante.

Nos primeiros contactos da família com os EUA, o mais fácil foi o caso de Lili, que em 1986 iniciou a escolaridade e teve excelente adaptação à escola.

A mãe começou a aprender inglês ao mesmo tempo que a filha; anos depois foi melhorar os seus conhecimentos numa escola.

Em 1989, com o nascimento de uma segunda criança, Ilda, para ter maior disponibilidade de tempo para as filhas, passou a fazer limpezas, trabalho que a ocupou durante dez anos.

Sublinhe-se o rápido êxito da família Almeida, fruto também de intenso trabalho e de concentração nos seus objectivos, que lhes permitiu criar um negócio, adquirir propriedades, etc., tendo, agora recentemente, a família tido a alegria de ser acrescentada com três netos.

Logo em 1991, o casal comprou a primeira casa.

Em 1992, José estabeleceu-se por conta própria e tornou-se empresário de sucesso.

Mais tarde, um incêndio na oficina provocou prejuízos enormes, mas em nove meses foi possível esta ser classificada a melhor e mais bem preparada do distrito.

Ilda foi considerada cidadã americana em 10 de Julho de 1996, dias depois de se terem completado dez anos da sua chegada aos EUA, e comentou que “Tinha valido a pena todo o sacrifício até aqui feito.”

Em 1999, esta recente cidadã americana voltou ao mercado de trabalho, mas então já como bancária.

Em 2007, formou-se em Floral Design no Union County College de Crandford, em New Jersey.

Em 2009, publicou o primeiro livro de poesia.

Participa regularmente em colectâneas literárias a nível nacional e internacional, tendo-o feito em mais de 50, até à actualidade.

Ao longo de 10 anos, já obteve vários prémios literários e outras distinções. Mais recentemente, tem-se dedicado também à Literatura Infantil.

Quanto ao seu trabalho nas Artes Plásticas, Ilda tem participado em várias exposições colectivas, nos EUA e em Portugal.

Os textos de Ilda são polvilhados de considerações e frases muito inspiradoras, como:

- “Nunca perdi a vontade de triunfar”, página 44.
- “A falta de segurança criava ansiedade que levava ao nada, que por sua vez resultava no medo. Não era o tempo de ficar quieto, mas sim de continuar a sonhar e a conquistar”, página 47.
- “Tu não podes esperar nada da vida, mas a vida espera por ti”; “chorar não era vergonha, mas sim a prova viva de uma maior coragem”, página 55.
- “A corrupção que se instalou neste século vinte e um é um autêntico flagelo”, página 60.
- “As bênçãos de Deus estão sempre prontas para nos alcançar. Ele é a única presença que nos faz caminhar em vitória.”, página 85.
- “Ninguém nasce grande.”;... (Deus) “faz-nos voar acima das circunstâncias.”, página 86.
- “A diferença entre possível e impossível está na forma como encaramos as situações. Vencer-mos a nós próprios será sempre a batalha mais difícil.”, página 87.

As descrições de Ilda são, por outro lado, tão vivas, que bem podem inspirar um filme de sucesso.

Espero que a honra de contarmos nesta cerimónia com a presença de Suas Excelências os Embaixadores dos Estados Unidos da América, que sei serem tão atentos e sensíveis aos assuntos portugueses, ajude a proporcionar a concretização da adaptação deste livro ao cinema, num filme que homenageie não só este casal, mas sobretudo todos os muitos também corajosos e exemplares emigrantes portugueses.